



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *
EDITOR - **JOAQUIM CARDOSO**
Redacção e administração - Calçada do Cambre, 58-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
Eno. telegr. "Lisboa" - Lisboa. - Telex: 197
Officinas de impressão - Rua de Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

À POPULAÇÃO DE LISBOA

Hoje, às 14 horas, sessões nos Sindicatos Operários

Para assistir a essas sessões deve o proletariado abandonar o trabalho

Proibido, pela autoridade superior do distrito, o comício que hoje devia realizar-se no Parque Eduardo VII para que a população de Lisboa afirmasse o seu mais vibrante protesto contra a ganância dos senhorios, que pretendem aumentar legalmente as rendas das casas, apesar de no seu máximo número já o terem feito à margem da lei, a União dos Sindicatos Operários, em sua reunião de ontem, resolveu recomendar aos trabalhadores que, apesar de proibido o comício, **DEVEM ABANDONAR HOJE, À TARDE, O TRABALHO, E DIRIGIR-SE AOS RESPECTIVOS SINDICATOS PROFISSIONAES, onde, ÀS 14 HORAS, se realizarão sessões de protesto** contra a estulta pretensão dos senhorios e será aprovada a moção que deveria ser presente ao comício.

Para essas sessões, convida este organismo a assistir também o inquilinato que não pertence propriamente à classe operária, uma vez que se não trata duma reclamação corporativa, mas dum assunto de interesse quasi geral.

Em relação ao operariado, espera a União dos Sindicatos Operários que este, revelando o seu interesse pela palpitante questão que ora se debate, abandone na tarde de hoje o trabalho, produzindo assim uma manifestação cuja eloquência seja suficiente a convencer os senhorios de que a população de Lisboa não se sujeitará a quaisquer aumentos nas rendas das casas.

Trabalhadores manuais e intelectuais de Lisboa: provaí com um grande exemplo que estais dispostos a resistir à desenfreada ambição dos senhorios.

UNIÃO DOS SINDICATOS OPERÁRIOS

A proibição do comício

Está confirmada a notícia da proibição do comício operário que hoje devia realizar-se com o intuito de procurar o inquilinato de defender-se da especulação imobiliária que sobre ele vem sendo exercida, por parte dos senhorios. O certificado oficial dessa proibição consta do officio ontem enviado pelo governador civil à União dos Sindicatos Operários de Lisboa. Merece a pena transcrever o documento, bem digno de figurar na história dos crimes que as instituições e os homens da República tem praticado para com as classes trabalhadoras. Vem melindoso e amável o officio do governador civil. Tam melindoso como hipócrita. Há nele uma infracção grave da Constituição da República, que as autoridades deviam pejar-se do cometer. Mas está nele principalmente revelada, uma vez mais, a conivência, o mancomunamento, a cumplicidade do governo com os que possuem, em declarado detrimento dos interesses dos que trabalham. Há nele isto de verdadeiramente essencial para nós que é o atentado às liberdades públicas, a supuração mal disfarçada de um espírito aristocrático que se não tolera já. Antes, porém, de continuarmos na apreciação desta última arbitrariedade da força, melhor será submeter à análise do operariado o documento, assinado pelo sr. Prestes Salgueiro, onde essa arbitrariedade se consigna. Diz assim:

Manifestações populares basta a que é efectuada por meio das urnas eleitorais onde um certo número, por felicidade decrescente, de ingenuos, vai deixar a sua tábua para a construção da escada onde ascendem, na razão directa do desmiolamento e da falta de escrúpulos, os ambiciosos da política. «Não julga conveniente...» Puderam! Mas também as autoridades monárquicas por certo não julgariam conveniente a realização dos comícios republicanos, onde os que hoje nos premeiam cantaram outrora, com sedutoras mavioidades de retórica, mentindo como prostitutas e pela mentira conspurcando uma ideal de liberdade que nunca em suas almas foi sentido. Todavia, a monarquia permitiu os comícios republicanos, *au grand air*, no coração da cidade, nas horas mais movimentadas do dia. A monarquia não ousou, não teve o desplante de proceder para com os republicanos de uma forma sequer longinquamente aproximada daquela por que tem agora os republicanos procedido para com o operariado organizado. Por modos todos os escrúpulos desapareceram em 1910.

E que pretextos invoca a autoridade para assim coartar ao povo o direito sacrosantissimo de defender os seus interesses, a sua situação, a sua vida, posta em perigo pela sordida cupidez dos proprietários? O comício realizar-se-ia em absoluta conformidade com a lei - o próprio officio do governador civil o reconhece. A participação legal foi feita a tempo e horas, e subscrita por indivíduos satisfazendo todas as condições exigidas na lei. Que razões se apresentam pois a justificar a despótica medida, razões outras que não a confusão perigosa de sempre, feita pelos homens da República, entre as suas caprichosas vontades de tiranetes e os direitos dos homens já há muito conquistados? O officio transcrito pouco mais de nada diz a este respeito. O governador civil declara-nos que cumpriram os promotores do comício as prescrições legais. Declara mais que não recusa do operariado qualquer ataque à segurança da República. Ajunta que lhe é agradável ver, pelo povo, debatida a questão do inquilinato. Afirma que a iniciativa particular «pode e deve ser o melhor cooperador da acção governativa». Todas estas razões veem em nosso auxilio a demonstrar quanta sem-razão, quanto revoltante despotismo encerra a determinação da autoridade. Mas eis que o governador civil desta forma enceta o último período do seu decreto:

«Não permitindo agora a realização do comício...»
Note-se que em nenhuma passagem do officio há allusão à proibição do comício de hoje. Diz-se com os senhorios, seus sócios, e com a burguesia, sua aliada. Há pouco dissemos nós que esta campanha do inquilinato não visava o governo. Deixassem-nos derimir livremente a contenda com os proprietários. Pois toma agora a questão um novo aspecto e uma maior latitude. O governo põe-se diante, a cobrir, com as couraças dos seus soldados, o corpo dos senhorios. Não se lembrara nunca de intervir no assunto e é assim que os proprietários, sobretudo de há uns cinco anos a esta parte, se tem regalado impunemente a encher as burras com constantes aumentos nos alugueis. Se o governo quizesse realmente assegurar a ordem ter-se-ia apressado a intervir nesta especulação de salteadores que só poderia engendrar a revolta. Todavia, o governo não interveiu e deixou em paz os ricos entregues aos seus manejos de vampiros. Para amigos, mãos rotas. Ao cabo de tantíssima exploração, e na iminência de um novo assalto, eis se vêm os inquilinos empurrados para um protesto, cujos fins a ninguém poderão já hoje deixar dúvidas, tantas vezes os temos aqui exposto. Pois é então que a autoridade se lembra de intervir, dificultando a construção do dique projectado para conter o desaforo dos donos de Lisboa. Ética ou não provada exuberantemente, com tais factos, a cumplicidade do governo?

Um lado vantajoso tem, contudo, a situação para nós. É que os campos se definiram e extremaram nitidamente. Dum lado, o senhorio de braço dado com o governo. Doutro lado, o inquilinato apenas. O senhorio rouba; e o governo amordaça a vítima. Temos que contar com as nossas exclusivas forças para lutar, que ninguém pensou em desistir da luta. Há, por sorte, um número infinitamente maior de inquilinos indignados que o de beleguinas para fazer cumprir os mandatos de despejo do juiz. Nada está perdido. Mesmo sem comício, fica estabelecida, entre uma população inteira que a autoridade acaba de vexar, a comunhão de aspirações e de vontades que há de saber aproximar a vitória!

com os senhorios, seus sócios, e com a burguesia, sua aliada. Há pouco dissemos nós que esta campanha do inquilinato não visava o governo. Deixassem-nos derimir livremente a contenda com os proprietários. Pois toma agora a questão um novo aspecto e uma maior latitude. O governo põe-se diante, a cobrir, com as couraças dos seus soldados, o corpo dos senhorios. Não se lembrara nunca de intervir no assunto e é assim que os proprietários, sobretudo de há uns cinco anos a esta parte, se tem regalado impunemente a encher as burras com constantes aumentos nos alugueis. Se o governo quizesse realmente assegurar a ordem ter-se-ia apressado a intervir nesta especulação de salteadores que só poderia engendrar a revolta. Todavia, o governo não interveiu e deixou em paz os ricos entregues aos seus manejos de vampiros. Para amigos, mãos rotas. Ao cabo de tantíssima exploração, e na iminência de um novo assalto, eis se vêm os inquilinos empurrados para um protesto, cujos fins a ninguém poderão já hoje deixar dúvidas, tantas vezes os temos aqui exposto. Pois é então que a autoridade se lembra de intervir, dificultando a construção do dique projectado para conter o desaforo dos donos de Lisboa. Ética ou não provada exuberantemente, com tais factos, a cumplicidade do governo?

Um lado vantajoso tem, contudo, a situação para nós. É que os campos se definiram e extremaram nitidamente. Dum lado, o senhorio de braço dado com o governo. Doutro lado, o inquilinato apenas. O senhorio rouba; e o governo amordaça a vítima. Temos que contar com as nossas exclusivas forças para lutar, que ninguém pensou em desistir da luta. Há, por sorte, um número infinitamente maior de inquilinos indignados que o de beleguinas para fazer cumprir os mandatos de despejo do juiz. Nada está perdido. Mesmo sem comício, fica estabelecida, entre uma população inteira que a autoridade acaba de vexar, a comunhão de aspirações e de vontades que há de saber aproximar a vitória!

No fim de contas, o que a autoridade não diz sobre as razões da sua determinação, podemos nós reconstituir sem grande esforço. O governador civil proibiu o comício porque, delegado dum governo burguês e reacçãoário, está

com os senhorios, seus sócios, e com a burguesia, sua aliada. Há pouco dissemos nós que esta campanha do inquilinato não visava o governo. Deixassem-nos derimir livremente a contenda com os proprietários. Pois toma agora a questão um novo aspecto e uma maior latitude. O governo põe-se diante, a cobrir, com as couraças dos seus soldados, o corpo dos senhorios. Não se lembrara nunca de intervir no assunto e é assim que os proprietários, sobretudo de há uns cinco anos a esta parte, se tem regalado impunemente a encher as burras com constantes aumentos nos alugueis. Se o governo quizesse realmente assegurar a ordem ter-se-ia apressado a intervir nesta especulação de salteadores que só poderia engendrar a revolta. Todavia, o governo não interveiu e deixou em paz os ricos entregues aos seus manejos de vampiros. Para amigos, mãos rotas. Ao cabo de tantíssima exploração, e na iminência de um novo assalto, eis se vêm os inquilinos empurrados para um protesto, cujos fins a ninguém poderão já hoje deixar dúvidas, tantas vezes os temos aqui exposto. Pois é então que a autoridade se lembra de intervir, dificultando a construção do dique projectado para conter o desaforo dos donos de Lisboa. Ética ou não provada exuberantemente, com tais factos, a cumplicidade do governo?

Um lado vantajoso tem, contudo, a situação para nós. É que os campos se definiram e extremaram nitidamente. Dum lado, o senhorio de braço dado com o governo. Doutro lado, o inquilinato apenas. O senhorio rouba; e o governo amordaça a vítima. Temos que contar com as nossas exclusivas forças para lutar, que ninguém pensou em desistir da luta. Há, por sorte, um número infinitamente maior de inquilinos indignados que o de beleguinas para fazer cumprir os mandatos de despejo do juiz. Nada está perdido. Mesmo sem comício, fica estabelecida, entre uma população inteira que a autoridade acaba de vexar, a comunhão de aspirações e de vontades que há de saber aproximar a vitória!

No fim de contas, o que a autoridade não diz sobre as razões da sua determinação, podemos nós reconstituir sem grande esforço. O governador civil proibiu o comício porque, delegado dum governo burguês e reacçãoário, está

C. G. T. Não há açúcar

Comité Confederal

O Comité Confederal tomou conhecimento do modo como decorreu a missão organizadora do secretário geral na provincia, depois do que tomou as necessárias medidas para que os seus resultados no futuro sejam o mais proficuo possivel.

O Conselho Confederal, ao contrário do que havia sido anunciado, não reunirá no dia 1 Dezembro, em virtude da morosidade no envio das adesões antes daquela data.

O Comité Confederal insiste com as federações de industria, uniões locais, sindicatos nacionais e isolados, para que enviem o mais rapidamente possivel as respectivas adesões, a fim de que o Conselho Confederal reúna com brevidade, como o requer as necessidades da organização.

Como consequência das observações feitas na missão de organização à provincia, e atendendo ainda a várias reclamações de diferentes organismos, o comité confederal resolveu que a cotização sindical, federal e confederal, passasse a ser feita com um único selo, indistincto, assim, ao encontro da aspiração formulada no congresso de Coimbra, usando cada federação ou sindicato uma sobrecarga indicativa do valor da cota que cada sindicato cobra aos associados.

A Confederação fornecerá as cadernetas aos sindicatos e respectivos selos confederados, que passarão a ser semanais.

O comité enviará aos organismos, junto com a caderneta modelo, uma circular para os elucidar sobre aquelas alterações, sendo necessário, entretanto, que as direcções dos sindicatos, especialmente, dediquem desde já a máxima atenção a este assunto, para que se previnam.

A nova cotização entra em vigor no proximo mês de Janeiro. O comité lembra-lhes a conveniência de, desde já enviarem, directamente ou por intermédio das respectivas federações de industria ou uniões locais, a nota da quantidade de cadernetas que necessitam para os associados e bem assim o numero destes para se saber a quantidade de selos que é necessário mandar imprimir.

Empréstimo para Moçambique

Pensa-se em contrair um grande empréstimo para a provincia de Moçambique, para o complemento da rede ferroviária e conclusão das linhas já começadas, dragagem dos portos, construção de estradas, obras de fomento, desenvolvimento agrícola, auxilio aos pequenos agricultores e ainda o reembolso ou conversão de empréstimos anteriores.

O movimento de hoje

União dos Sindicatos Operários

Para ultimar trabalhos que se prendem com o movimento de hoje contra os senhorios, reúna-se a assembleia de delegados às 10 horas prefixas. Que nenhum delegado falte.

As sessões de hoje

Como protesto contra a proibição do comício pelo governo e para apreciarem as medidas a reclamar contra a ganância dos senhorios reúnem hoje as seguintes associações da classe: Marceneiros, às 14 horas; Compositores tipográficos, às 14; Canteiros e Polidores de Marmore, às 14; Caixaeiros de Livraria, às 13; Federação dos Empregados no Comércio, às 13; Empregados de Escritório, às 13; Operários do Município, às 15; Polidores de Móveis, às 14.

e, por estas madrugadas frias de outono, dos lares proletários desapareceu a reconfortante chavena de café

Estas madrugadas do outono de 1919, são tam desapiedadas e de tal forma laçaram as carnes, que facil é olvidar que ainda estamos numa estação habitualmente morna e suave, mais parecendo e de ventos fortes que desnudam as arvores e gamiam o frio nos lares atraídos as frinchas das janelas e os telhados semi-arruinados, nesses lares onde se abriga o trabalho estomacado e cheio de penúria. Cedem chegam este ano os dias nevoados, dum acinzentado de chumbo, triunfando facilmente os rigores hiernais. E nesta época, em que de conforto servia para o estomago dos proletários a fumegante chavena de café ou chá, para maior agravo das indolências porque estes passam difficil e árdua empresa é a conquista de algumas grammas de açúcar, de sorte que forçoso é resignarem-se a dar inicio à cotidiana tarefa com os estomagos enregelados.

Sendo o açúcar um artigo justamente considerado de primeira necessidade para as familias proletárias, éle quasi que desapareceu, apparecendo de fugida numa ou noutra mercearia, em quantidades ridiculas. Aqueles que das raras sacas que por aí surgem, se queiram utilizar, tem previamente de fornecer-se duma forte dose de resignação, porque forçoso é dar entrada na bicha, numa dessas bichas ululantes, raivosas, barulhentas, que enxameiam essa cidade, contidas com inauditos esforços, muitas vezes violentos, por civicos boais. Nesses aglomerados humanos predominam as mulheres, que se agitam e berram, na ansia de invadirem o estabelecimento onde se distribui a preciosa substancia, porque a sua falta no lar provoca o choro dos filhos, tremulos de frio, de que não os defendem as vestes remendadas e adelgadas pelo uso. Desejam o açúcar ardentemente, por éle lutam com fúria. Corre-se a cidade, galgam-se ladeiras, percorrem-se bicos infectos e em todos os lados se ouvem súplicas e pragas, gritos de revolta e gritos de desanimo.

Mas, ao passo que não há açúcar para os pobres, que os trabalhadores arrostam com as aguras da invernia, pode surpreender-se nas vitrines das pastelarias da moda a prova de que não existe escassez para os privilegiados, de que éle dispõem com abundancia, não só para as suas necessidades mas ainda para o superfluo, para que se confeccionem em abundancia pasteis de esquisitas formas e mil e umas doçarias.

Não há açúcar para o operariado; o merceiro regateia-o. Sem embargo, camións rodam velozes, galgam a cidade, levando-o em abundancia às moradias confortáveis, porque as criaturas que nelas residem não escasseia o dinheiro, esse dinheiro perante o qual todas as difficuldades desaparecem e que tantas facilidades e contumelias provoca nos armazéns e poderosos monopólios que esmoreiam o povo porque querem esvaziar-lhe a bolsa até ao ultimo centil, desnudar-lhe o corpo, arrancar-lhe a derradeira camisa em bom estado. E o governo? Que faz o governo? Chovem informes officiosos nos jornais denunciando a chegada de barcos carregados de açúcar, com muitos milhares de toneladas vindas dos portos africanos. Todavia, apesar dessa chegada de sucessivos e importantes carregamentos, o açúcar não apparece, porque os comerciantes gananciosos, avaros, sofregos, dêle lançam mão, fazendo-o desaparecer como por encanto, sumindo-o, volatizando-o, não havendo quem descubra o seu paradeiro, não podendo o povo vistoriar os depósitos

de generos alimenticios porque a isso se opõem as baionetas em nome da ordem e da propriedade privada.

E o governo? Que faz o governo? O governo tudo consente e caia, o governo abdica perante as burras dos comerciantes como abdicou perante a roleta dos clubs ricos. Podem os burgueses devorarem a vontade doçarias emquanto nas casas dos trabalhadores há frio e lamentos, porque não há ninguém que lhes brade fortemente que não tem direito a gastar superflua e de um género de primeira necessidade quando o povo dele sofre penúria. Mas não é o governo quem adoptará essa attitude enérgica. E ele conserva-se inerte, procurando viver com deus e com o diabo, deixando o comércio tripudiar sobre o corpo exangue dos trabalhadores, mantendo uma neutralidade cobarde, deixando que os seus alicios e burocratas auxilium esse comércio nos seus criminosos maneios. Falta o açúcar e o caso é grave. Mais grave do que muitos julgam. O frio triunfa entre as classes operárias, espalha a doença e o desánimo, vence em toda a linha. Não há açúcar com queoçador uma bebida confortável e o aco das enxadas já não morde com tanto vigor a terra nem os prolos e as forjas são manejadas tam febricitantemente. Há quem não alcance em toda a sua extensão as consequências desastrosas do desaparecimento do açúcar. Uma gulosaim exclama-se indifferente: Mas é uma gulosaim que abandona os horrores da fome, que constitue um alimento que dá um certo conforto, que quebra as arestas adelgadas deste inverno precoce, deste inverno que insustenta com as suas nordestadas e as suas chuvas, sem se lembrar, impedido, que vem aumentar as dores e sofrimentos dos reprobos, dos párias, dores e sofrimentos originados pela ganancia desmedida de alguns homens egoistas, em que não existe o amor à Humanidade, em que a sede da ganancia alienou por completo o sentimento do justo e de acatável.

Por toda a parte os mesmos

—Não me parece que o nosso povo deseje uma revolução sangrenta, declarava um importante homem de negócios londrino a um redactor do *Daily Herald*. Não é esse o sistema inglês, mas, se o povo vê tocinho em quantidades enormes apodrecer nas docas, açúcar correr para a água, peixe lançado outra vez ao mar às toneladas, enquanto éle a custo arranja que comer, e o preço do pão e de todos os artigos necessários continua a subir sem parar — não há remedio senão haver tumultos, e nesses tumultos não haverá instituição britânica que se salve.

O *Daily Herald* mostra então que os preços, tendo baixado um pouco nos seis meses que se seguiram ao armistício, estão agora mais elevados do que durante a guerra.

Actualmente são 130 por cento mais altos do que em 1914 e o ministro das subsistências previu nova alta para o mês corrente.

Calculado o total das despesas duma familia, esse total deve ser pelo menos 150 %, mais elevado do que em 1914. A situação inquieta o próprio *Times*, órgão máximo da conservação social.

Entre nós, a situação é ainda pior, porque é maior a desproporção entre o custo da vida e o salário, que é hoje, relativamente áquella custo, menos de metade do que era antes da guerra.

Para mais, em Portugal, a falta de generos é muito maior. Duas coisas abundam, porém: os especuladores da miséria e a paciência dos roubados.

PELA POLÍTICA

Não houve nunca legislação alguma que tenha tido outro fim que consolidar e erigir em sistema a exploração do povo trabalhador pela classe dominante.

Bakounine
Propagandista anarquista

No palco parlamentar
Coisas de pouco interesse.

Decorreu sem interesse de maior a sessão de ontem da Câmara dos Deputados. O presidente do ministério respondeu ao líder do Partido liberal, sr. António Granjo, que ainda não julgava oportuno e conveniente o momento para a Câmara se ocupar de assuntos que se relacionassem com a ordem pública, e o sr. Eduardo de Sousa, cremos que pela vigésima vez, perguntou se a comissão de verificação de poderes já tinha aceitado ou não a renúncia ao seu mandato de deputado feita pelo sr. Afonso Costa há mais de três meses.

Verificou-se que a referida comissão ainda se não pronunciou à espera, talvez que o sr. Afonso Costa reconsidere ou com o propósito de lhe garantir, per omnia seculorum, o seu faustul na Câmara dos Deputados para quando muito bem der na gana a sua ex.ª de vir ocupar.

Enfatiado, o sr. António da Fonseca disse que para acabar com esta "sica de perguntar qual é a situação do sr. Afonso Costa, o sr. presidente convidasse a comissão de infrações a pronunciarem-se rapidamente sobre o assunto.

Está com uma pressa!

Mais uma
O sr. Ladislau Batalha enviou para a mesa mais uma nota de interposição ao presidente do ministério, esta sobre os processos por que se está facilitando a carestia da vida e provocando os horrores da fome pela escassez artificial dos artigos de primeira necessidade.

Lá para as kalendas gregas o interpeda dar-se-há por habilitado e quando as galinhas nascerem os dentes do deputado interpeda será concedida a palavra sobre o assunto.

Os cantoneiros ainda ganham \$62 centavos diários

O deputado sr. José Monteiro ocupou-se da situação miserável dos cantoneiros, que estão recebendo \$62 centavos diários! Para atenuar de algum modo a sua precária situação e para ocorrer ao pagamento de subsídios em atraso a essa classe, manda para a mesa um projecto de lei elevando ao dúplo a multa por falta de pagamento da contribuição de juros, que deve trazer ao Estado um aumento de 200 a 300 escudos, que poderão ser aplicados à melhoria da situação dos cantoneiros.

Seis tostões e um vintém por dia? Pode! sr. José Monteiro diz que os trabalhadores ganham rios de dinheiro, frequentam os teatros, fumam charuto e bolam automóvel? O ilustre deputado, a fazer bolchevismo... hein? Mas se é verdade, não duvida. A Câmara vai já, incontinenti, melhorar a situação a esses desgraçados—se é que eles ainda vivem.

E' público e notório o zelo com que os representantes do povo soberano acodem pressurosos às suas necessidades. Verá o ilustre deputado, se for vivo até lá...

Santa ingenuidade!

O sr. Manuel José da Silva deputado por Oliveira de Azeite, lamentou que depois de várias reclamações que tem feito, não tenha ainda sido, pela comissão respectiva, dado parecer ao projecto vindo do Senado em 6 de Setembro, destinado a reprimir os abusos praticados pelos agbarcadores.

Apezar de o sr. presidente do ministério ter há dias declarado que, com leis ou sem elas, o agbarcamento continuará, ele, orador, julga que não é tanto assim, porquanto se a lei dos agbarcadores estivesse já em vigor, teria sido condenado o causador do apodrecimento de 10 toneladas de bacalhão, a pagar uma multa de 60 contos.

Era o pagas! Bem se vê que o deputado é ainda uma criança. Oh! a encantadora ingenuidade infantil!

Que saudades dos tempos idos, em que acreditávamos no poder de Deus, na justiça dos homens, na eficácia das leis, na pataçada da igualdade política proclamada pela Revolução francesa!

Maneira prática e simples, ao alcance de todas as inteligências, de acabar com o bolchevismo, por João Gonçalves.

O sr. João Gonçalves, arregando aos peixes, teve estes raciocínios dignos de registo:

"Urge instituir o casal indiviso e impenhorável, prendendo assim o trabalhador rural à terra, dando-lhe o Estado todas as facilidades para aquisição da terra e dos meios de exploração, mesmo com encargos para o tesouro, que lá vem mais tarde o lucro no excesso de produção e da menor drenagem de ouro para o estrangeiro. A nossa salvação, como a de toda a Europa, está na terra, e a garantia de que a civilização de hoje não será arrazada pelo bolchevismo, está em transformar os rurais em conservadores, tornando-os proprietários."

Ora aqui está uma confirmação ao ditado popular: "donde menos se espera é que as ideias boas apareçam."

E' um raciocínio inteligente, este do sr. João Gonçalves. Mas conseguirá o sr. João Gonçalves tornar proprietários todos os rurais? Não conseguindo, os que não o fossem continuariam revoltados; e conseguindo, quem trabalhará a terra? Os próprios proprietários sós? Mas a civilização, as necessidades sociais não comportam a produção individual. A pequena propriedade é a maior dificuldade que se opõe à aplicação, absolutamente indispensável, da agricultura mecânica.

Os funcionários municipais serão aumentados? A dívida do Estado à Câmara Municipal de Lisboa.

Quasi no fim da sessão, iniciou-se a discussão da proposta de lei que autorisa o governo a contrair um empréstimo de cinco mil e tantos contos, a

Contra os senhores gananciosos

Resolveu a U. S. O., em face da proibição do comércio que hoje se propunha realizar—e que, se não fosse a draconiana medida ministerial, seria, de certo, imponentíssima—convita todas as associações operárias de Lisboa a reunirem as respectivas classes em assembleias magnas, de dia, para que o proletariado, com o abandono do trabalho, prove eloquentemente quanto o interessa o magno problema da injustiça. Não será, talvez, homogênea a acção operária de hoje, mas é convicção nossa que nenhum trabalhador consciente deixará de se manifestar, abandonando o trabalho e ajuntando-se aos seus camaradas nas sessões de protesto, para que bem alto se erga o brado de protesto não só contra a inexplicável ganância dos senhores mas ainda contra a atitude do governo que, desrespeitando a liberdade de reunião, proíbe à multidão operária da capital de, em reunião pública, tratar dos seus interesses.

Manufactores de Tecidos

Na sua reunião de direcção, esta colectividade protestou energicamente contra a ganância dos senhores a propósito do aumento das rendas das casas e contra alguns industriais que estão violando a lei das 8 horas de trabalho, estando na disposição de ir, se for preciso, até à greve geral.

Tactica nova dos senhores

A sr.ª Delvina Silva reside numa casa da estrada do Calhau de Benfices, 62, 1.ª, onde paga de aluguer \$375.5. Pois há dias recebeu uma carta assinada pelo sr. José Alves, como representante dos herdeiros de Luís Rafael Alves, em que lhe notifica que a renda vai ser aumentada para \$600. Particularmente foi avisada de que no recibo continuaria a figurar a mesma importância, embora ficasse a pagar os \$600. Isto é, quasi mais 100 %.

Deste expediente se tem servido muitos outros senhores.

A ganância dum sublocatário

O operário estudioso José Menezes, há pouco vindo do Pórtio, alugou na rua Diário de Notícias, no 2.º andar do prédio n.º 14, um quarto por que pagava a exorbitante renda de \$725. Pois o sublocatário, ainda não satisfeito, exigiu-lhe mais \$500 por mês, o que elevava a renda a \$1225! Temos ou não razão para protestar contra a ganância dos senhores e sublocatários? O governo é que entende que o inquilino deve satisfazer-se com o trabalho modesto e pouco satisfatório dum comissário oficial, proibindo o grande comissário anunciado para hoje.

Carruagens

Na assembleia geral desta classe, protestou-se energicamente contra o pretendido aumento das rendas de casa, falando diversos camaradas sobre o assunto, apresentando o camarada Jaime Martins a seguinte moção, que foi aprovada por aclamação:

Considerando que os senhores se preparam com a cumplicidade do governo para assaltar mais uma vez a bolsa dos inquilinos, já esgotada por tanta roubaria; Os operários de carruagens reunidos no seu sindicato, resolvem: 1.ª Acompanhar o movimento de protesto da U. S. O.; 2.ª Dar o seu incondicional apoio a qualquer movimento que se inicie de luta para regularizar o pagamento do aluguel da habitação, bem como dos géneros de primeira necessidade.

Operários tanoeiros

Esta classe reuniu ontem, para protestar contra o aumento das rendas de casa, sendo aprovada a seguinte moção:

Considerando que a U. S. O. encetou um movimento de protesto contra os senhores e considerando que é de justiça que toda a classe operária dê o seu apoio a este movimento, pois se trata dos seus próprios interesses; A Classe dos Tanoeiros reúne para esse fim resolve: 1.ª Dar o seu apoio à U. S. O. e ao movimento de protesto dos senhores; 2.ª Que todos os tanoeiros amanhã, ao sair do trabalho, se ajuntem no local onde se realizou o comício e abandonem o trabalho ao meio dia, para comparecer no mesmo; 3.ª Que a classe se faça representar oficialmente no comício por 1 delegado.

Secção da Construção Civil de Belém

Realizou-se nesta Secção uma sessão de protesto contra a ganância dos senhores, carestia da vida e horário de trabalho, que esteve muitíssimo concorrida, vindo-se muitas companheiras dos nossos camaradas, o que prova que já vão compreendendo qual a sua missão dentro duma sociedade nova.

Falaram camaradas delegados dos corticeiros, da U. S. O. e diversos camaradas, que energicamente verberaram os roubos cometidos pelos honrados comerciantes e a ganância dos senhores, que querem extorquir as últimas fatias de pão que o operariado tem para dar aos filhos. Igualmente foi verberado o sofisma de que o patronato quer lançar mão para ludibriar o novo horário de trabalho.

Foi aprovada por aclamação a seguinte moção:

Considerando que os senhores tentam levar o parlamento e o governo a permitirem de se liquidar o débito do Estado à Câmara Municipal.

O presidente do ministério explicou, assim, os motivos que levaram o governo a apresentar a proposta em discussão. Os empregados do município requerem da verificação aumento de vencimentos. Essa reclamação é justa pois enquanto um servente de pedreiro está ganhando 1350 por dia um empregado do município ganha 1200. A câmara, não tendo dinheiro para satisfazer o aumento pedido, respondeu que o satisfaria desde que o Estado liquidasse a dívida que tem para com ela. Tratando-se de uma questão de ordem pública, pois o funcionalismo ameaça com a greve, o governo apressou-se a trazer ao Parlamento a sua proposta pedindo para ela dispensa do regimento ou um prazo de 24 horas para ser discutida. A discussão da proposta continua hoje.

AS 8 HORAS DE TRABALHO

As reclamações da organização dos empregados no comércio

Pela Federação dos Empregados no Comércio, Associações dos Cabeleiros de Lisboa, Empregados de Escritório, Empregados dos Bancos e Câmbios, Empregados Menores do Comércio e Indústria e União dos Empregados no Comércio foi entregue ao parlamento a seguinte representação:

Quando uma lei vem trazer às classes proletárias um novo mal, a lei de justiça evidentemente encontra a contrariação, não a argumentação científica, nem a defesa de interesses legítimos e respeitáveis, mas a sátira e a ironia do que se sente e do que se quer. Quando a lei de trabalho altera a duração das horas de trabalho, sendo a mais humana e uma das mais antigas aspirações dos trabalhadores de todo o mundo, elas estão sendo adaptadas nos países onde as mudanças de guerra e os desastres naturais sacrificios feitos por esses mesmos trabalhadores, que na grande guerra se bateram pela pátria e pela liberdade.

Analisando os decretos 5316 e 6121 na parte em que se referem ao comércio, reconhecemos que a classe patronal não tem receio de fazer concessões ao governo e ao parlamento, não apresenta uma razão concreta e de peso, que justifique a atitude de declarar de rebelião contra o Estado, não querendo ceder a lei.

Prezados para a economia nacional!... Da economia nacional não se lembraram os comitentes, quando o Estado, num decreto incontestável, e com o fim de equilibrar a vida económica do país, quando o Estado, como iam dizendo, decretou um imposto sobre cambiais, sobre a guerra e o imposto de luxo, que não chegou a ter execução, porque os industriais e comerciantes-patriotas, sempre prontos a apoiar os governos na chamada questão da economia nacional, não tiveram a coragem de fazer sacrifícios de alguns milhares de escudos dos muitos que se ganhavam.

Das 8 horas de trabalho no comércio só resulta benefício e grande, pela economia nacional, muito maior se torna concedendo-se sem restrições a todos os trabalhadores, como as que consigna o artigo 10.º do decreto 5316, e arbitrariamente contra o mesmo decreto, que estabelece o artigo 2.º do decreto 6121.

E afinal, não sendo os empregados no comércio uns produtores, mas sim uma distribuição de riqueza, não temos que produzir, mas sim que distribuímos. Não é de conhecimento privado, que a luz se produz com um elemento essencialmente humano, que tem de ser pago em ouro, e que esta forma de liquidação é a ruína de todos os esforços.

Se isto é um elemento de prejuízo na normalidade, muito maior se torna concedendo-se sem restrições a todos os trabalhadores, como as que consigna o artigo 10.º do decreto 5316, e arbitrariamente contra o mesmo decreto, que estabelece o artigo 2.º do decreto 6121.

E afinal, não sendo os empregados no comércio uns produtores, mas sim uma distribuição de riqueza, não temos que produzir, mas sim que distribuímos. Não é de conhecimento privado, que a luz se produz com um elemento essencialmente humano, que tem de ser pago em ouro, e que esta forma de liquidação é a ruína de todos os esforços.

Quando o ministro do trabalho e presidente do ministério, como já tinha sido o sr. Jorge Nunes, ex-ministro do trabalho, estando, pois, v. ex.ª, na intenção de rever os decretos 5316 e 6121 (8 horas de trabalho e respectivo regulamento) no sentido de lhes introduzirem modificações que os tornem mais praticáveis e mais humanos, os tornem mais praticáveis, vem a Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio e a Comissão Mista das Associações de classes de especialidades da capital, representando o sentir, e com plenos poderes, de todas as associações de classe de empregados no comércio de Portugal, apresentar ao seu presidente, o sr. presidente do ministério, a seguinte moção:

1.ª Protestar contra os assaltantes da nossa magna bolsa, por não quererem reconhecer a existência de uma crise e não nos dá mais possibilidades; 2.ª Dar todo o apoio à U. S. O. no movimento que ela tenta levar a prática contra a ganância dos senhores e sublocatários; 3.ª Dar todo o apoio à U. S. O. T. para que ela leve a prática um movimento homogêneo contra a ganância dos senhores e sublocatários; 4.ª Que todos os trabalhadores amanhã, ao sair do trabalho, se ajuntem no local onde se realizou o comício e abandonem o trabalho ao meio dia, para comparecer no mesmo; 5.ª Que a classe se faça representar oficialmente no comício por 1 delegado.

No final, o camarada Alfredo Pedrosa apelou para os jovens entrarem nas Juventudes Sindicalistas em organização, para que se encontra presente todos os dias na sede da Secção da Construção Civil de Belém.

Foi encerrada a sessão aos vivos à C. G. T. e U. S. O.

Um aumento de mais de 200 %

Um sr. António Joaquim da Silva, comprador há tempos um prédio na rua do Duque, n.º 11, sendo o seu primeiro cuidado aumentar escandalosamente os alugueiros. Uns 50 % não é verdade? exclamou o leitor. Pois ainda é modesto o cálculo. Os aumentos impostos por esse cavalheiro sobem a mais de 200 %, tendo causado tanta indignação entre os inquilinos que estes estão resolvidos a não aceder a ganância inacreditável do novo senhorio.

Manipuladores de tabaco

Na sessão de propaganda pró-inquilinato, fizeram uso da palavra os delegados da U. S. O. António Serrano e Armando Ferreira, que ergueram o seu protesto contra o facto dos governantes proibirem o comício de hoje. Falaram ainda Salvador, pelo pessoal dos tabacos e Manuel Soares, delegado da Construção Civil.

Postos sindicais do barbear

Continuam os camaradas barbeiros, vítimas do recente movimento grevista, a prestar os seus serviços profissionais nas sedes da União dos Sindicatos Operários, Federação da Indústria Mobiliária e na do respectivo sindicato profissional, de esperar sendo que os trabalhadores preferiram os serviços dessas vítimas do industrialismo, que sem o auxílio do proletariado seriam condenados a perecer à míngua.

Auxiliar esses camaradas é um dever dos seus irmãos de sofrimento.

A BATALHA

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Único da Construção Civil. Reuniu ontem a subcomissão da Federação, juntamente com os delegados dos sindicatos profissionais, trocando impressões sobre a forma mais prática de activar a propaganda para levar a efeito o funcionamento da nova organização em Janeiro de 1920.

Resolveu realizar em breve sessões de propaganda em todas as secções sindicais e uma sessão magna na sede central, bem como lembrar aos sindicatos principais que ainda não votaram o novo estatuto que o devem fazer até o dia 8 de Dezembro.

Também dá conhecimento aos sindicatos de que devem nomear os delegados que hão de proceder ao arrolamento dos haveses sindicais para darem ingresso no Sindicato Único.

Tomou conhecimento de que os sindicatos dos Carpinteiros Civis e Caboquieiros e Fabricantes de Cal já votaram os estatutos do Sindicato Único.

Sindicato Único Metalúrgico. Tendo de se proceder à revisão de contas ao balancete trimestral que vai ser presente à próxima assembleia geral, que se realiza terça-feira, são convocados a reunir depois de amanhã todos os membros da comissão administrativa e da Caixa de Solidariedade, empilhando-se a comparecer a esta reunião o secretário administrativo, para regularizar a sua responsabilidade, segundo o preceituado nos estatutos. A esta reunião devem ser presentes, pelos respectivos secretários administrativos, os balancetes das secções.

Para nomeação do delegado representante deste sindicato no comício que hoje promove a U. S. O. contra o aumento das rendas das casas, reúne duas horas antes da realização do mesmo o conselho técnico e de melhoramentos, que aproveitará a ocasião para nomear o delegado que deve assistir à eleição, que se realiza no domingo, para vogais operários ao Tribunal de Arbitros Avindores.

Canteiros e Polidores de Móveis. Reunida esta classe em sessão magna para se proceder à leitura dos estatutos e do regulamento do Sindicato Único, foram, depois de devidamente explicados, aprovados pelos camaradas que assistiram à mesma, protestando-se mais uma vez contra o procedimento das camaradas que tem primado pela sua ausência às sessões, quando, fora delas, apregoam o bem estar que pode sair dum assembleia.

Estofadores e Decoradores. Reuniram os delegados da classe à comissão organizadora do Sindicato Único da Indústria Mobiliária e, reconhecendo a necessidade de todas as classes da indústria ingressar no dito Sindicato, devido às suas deficiências orgânicas, resolveu elaborar um parecer que será presente à classe, para o que se convidam os Estofadores e Decoradores a reunirem em assembleia geral, amanhã, pelas 20 horas, para apreciar e resolver o dito parecer.

Empregados dos Carris de Ferro. Apreciamos as démarches da comissão de melhoramentos, démarches estas que, apesar dum grande esforço, tem sido de um resultado pouco satisfatório, encontrando-se a classe bastante agitada. Depois de discussão acalorada deliberou-se dar uma sessão hoje, pelas 20 horas, para resolver o caminho a seguir.

Convocações

Serventes de Pedreiros e Estofadores. A direcção deste sindicato, reunida com a comissão do bairro social de Al.ª Anta, apreciando irregularidades passadas naquele bairro, protesta contra uma comissão extra-sindical do mesmo bairro, que em vez de alcançar melhoria de situação para os trabalhadores os prejudica. Deliberou ainda convidar os chefes dos grupos a comparecerem na próxima assembleia.

União dos operários municipais. Reúne hoje, pelas 20 horas, o conselho central desta união.

Manufactores de Calçado. Esta associação convia todo o pessoal que trabalhava na Nova Empresa Industrial de Calçado à data da declaração de greve nesta fábrica, em Maio, a reunir na sua sede amanhã, pelas 21 horas, para tratar dum caso resultante da greve.

Empregados de Hoteis e Restaurantes. Para tratar de reivindicações da classe e do conflito dos camaradas culinários, reúne hoje a Associação dos Empregados dos Hoteis e Restaurantes.

Catraciões. Reúne hoje extraordinariamente a Assembleia Geral, pelas 18 horas.

Federação da Construção Civil. Comissão Administrativa da Sede. Reúne hoje esta comissão, pelas 21 horas, para tratar de assuntos inadiáveis; devem comparecer as direcções dos sindicatos, bem como os organizadores nela instalados.

Estudadores e Decoradores. Hoje, pelas 20 horas, reúne para apreciar os Estatutos do Sindicato Único e para eleição do delegado ao Tribunal Arbitros Avindores, a assembleia geral. A mesma hora reúne a comissão de benefício ao camarada António Leopoldo Marques.

Comissão Escolar da Construção Civil. Reúne hoje, pelas 20 horas, para tratar de assuntos inadiáveis.

Construção Civil de Paredes. As comissões das associações de Paredes, Cascais e Tires, que estão tratando do movimento contra a carestia da vida e do Sindicato Único da Construção Civil, reúnem no domingo, pelas 16 horas, na sede deste sindicato.

Hoje, pelas 19 horas, reúne a assembleia geral, para a comissão que foi nomeada na última assembleia para entrevistar a direcção das obras do Parque Estoril sobre algumas irregularidades que lá se tem praticado, dar conta dos seus trabalhos.

LER NA 4.ª PAGINA: O folhetim de "A Batalha", pessoal.—H.

ULTIMAS NOTICIAS

Para a paz na Russia

Iniciam-se negociações em Copenhague entre os aliados e os bolchevistas

BASILEIA, 25. — Chegou a Copenhague, a bordo dum navio de guerra inglês, o enviado especial bolchevista Litvinof. As negociações com a comissão inglesa começaram na terça-feira.

As esferas comerciais de Copenhague asseguram que Litvinof tem amplos poderes no terreno político-financeiro.

O facto de que os ingleses não se limitarão a negociar sobre a troca de prisioneiros pode deprender-se de que os mais importantes diários londrinos enviaram correspondentes especiais a Copenhague. Radio.

Os limites de Berlim

ZURICH, 24. — A imprensa de Berlim publica um projecto sobre a reorganização dos limites da capital alemã.

Segundo o dito projecto, Berlim e os seus bairros excentricos (Gross-Berlin), comprehenderão oito municípios, 5 banos, 55 rurais e 23 distritos, tendo uma superficie de 75 quilómetros quadrados. — Rádio

Na Grécia

Tentativa de golpe de Estado

ATENAS, 25 (T. S. F.). — Foi descoberta uma conspiração dos antigos oficiais do Rei Constantino para assassinar o sr. Venizelos e fazer cair o actual regimen.

Os acusados fizeram completas confissões e vão ser imediatamente julgados por um tribunal militar. — Rádio

Nos Estados Unidos

Aumento de salário dos mineiros

WASHINGTON, 25. — Em nome dos operários das minas de matérias bituminosas, Mr. Lofves, que exerce a presidência da União mineira, informou Mr. Wilson, secretário de Estado no ministério de trabalho, que aqueles acatam as novas bases, que concedem um aumento de 31,65 pesetas para os operários e 27,12 para os ajudantes. — Rádio

Um jornalista inglês

condenado a prisão

LONDRES, 25. — Um telegrama de Moscovo diz que um tribunal soviético condenou o sr. Keeling, jornalista inglês, a estar detido numa prisão do Estado até que termine a guerra com a Inglaterra imperialista. — Rádio

A Inglaterra perante a questão russa

Asquith combate a aliança com os anti-bolchevistas

LONDRES, 25. — Mr. Asquith, num discurso pronunciado em Oxford disse, referindo-se à Rússia, que a aliança com os anti-bolchevistas constituía um flagrante violação do principio da Liga das Nações.

A linha de conduta que a Inglaterra devia seguir era a de proteger os Estados de formação recente contra toda a agressão, mesmo que tivesse partido dos anti-bolchevistas ou bolchevistas. — Rádio

I Congresso Ferrovieário Português

Reuniu ontem a comissão organizadora que prosseguiu nos seus trabalhos. Apreciou-se e aprovou-se o relatório do delegado enviado ao Norte, tomando-se conhecimento do expediente recebido. Foram encarregados alguns componentes de apresentarem o seu parecer com referência aos assuntos que devem versar as teses. Fixou-se um quota proporcional aos sindicatos, para as despesas da organização do Congresso, que será imediatamente comunicado aos mesmos organismos. Marcou-se nova reunião para amanhã, 28.

O nosso "placard" de ontem

Com aquela habitual delicadeza que de há muito lhes reconhecemos, a alguns policias deu-lhes para embriar com os exemplares da 4.ª página de A Batalha de ontem, que vários camaradas nosso afixaram pelas paredes, atendendo assim ao convite que lhes foi feito pela União dos Sindicatos Operários.

Os operários das obras das Córtes afixaram aquela página em alguns pontos do referido local, mas o policia que entrou de serviço às 13 horas arrancou os vários exemplares.

Mais tarde, o mesmo policia, sob o pretexto de que tinha sido insultado e provocado pelos operários, o que é falso, foi convidado o encarregado das obras a ir à esquadra declarar os nomes dos provocadores, fazendo-se nessa ocasião acompanhar pelo n.º 1131, que enquanto esperava pelo colega carregou a pistola, não sabemos com que benéfico intento...

No Rossio, também os guardas 617 e 1069, da 4.ª, fizeram o mesmo, assim como na rua da Alfândega, o 495, da 4.ª, teve lugar procedimento, no giro das 13 às 17.

Quem não tem que fazer...

Sociedade "Voz do Operário"

Reunirá hoje pelas 20 horas, em 3.ª convocação, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: Leitura e discussão do parecer da Comissão revisora de contas do ano 1917-1918. Relatório e contas e parecer do Conselho Fiscal do ano 1918-1919.

O cruzador "Jeanne d'Arc"

Largou ontem às 16 horas para a Madeira, o cruzador francês Jeanne d'Arc.

N.º 272 de A BATALHA Folhetim N.º 7

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

PAR

JEAN GRAVE

VII

Nem contra os simpáticos ao movimento rebelde que ficasse nesse campo, era necessário o armamento, pois que, ou por livre eleição, ignorância ou resto de temor inspirado pela disciplina, os que haviam ficado no acampamento oficial permaneciam por sua própria vontade. Além disso, a proximidade do campo livre teria feito perigo o emprego da força contra os indivíduos.

A situação era verdadeiramente estranha. Só devido à visinhança é que os deportados se viam obrigados a conservar uma sobrevivência, ainda que muito ligeira, do militarismo e a sociedade autoritária necessitava de contar com a boa vontade de todos os seus participantes e de renunciar, pela força das circunstâncias, a algum dos seus meios coercitivos.

—Vós é que tendes a culpa—diziam os deportados aos soldados—de nos ver-

mos obrigados a armar tropas; porém perdes o cuidado, que isso não é mais que uma tarefa que desempenhamos por turnos, já que a vossa insubordinação tal nos obriga e não se converterá em instituição porque temos grande cuidado em não criar chefes e abandoná-los-hemos quando entre vós houver mais inteligência.

—Sim, sim—replicavam os Aretusianos, tal era o nome que lhes davam os deportados, enquanto que estes, ratificando o nome dado à ilha por Samiac, se denominavam Terraliberianos—o tempo, o dirá. Vós não quereis chefes, mas ou os mais fortes e astutos vos governarão, ou acabareis por matar-vos uns aos outros.

O desembarque levou bastante tempo, porque se decidira transportar para terra tudo o que de portátil continha a *Aretusa* e não se dispunha de mais que três chalupas, uma delas a vapor, as restantes levadas a remo, todavia, tudo se levou a feliz termo sem a menor dificuldade. Resolveu-se destruir o barco, para arrancar todo o ferro que tam útil seria em terra, assim como as grandes peças de artilharia, mas para isso seria necessário construir plataformas capazes de suportá-las e, por isso, essas operações foram adiadas até se permitissem os trabalhos de instalação, porque era necessário dedicarem-se com urgência à agricultura e também à construção de habitações definitivas.

Quando tudo que era susceptível de transporte se encontrou em terra, fez-se o inventário dos víveres e, segundo a promessa dos terraliberianos, distri-

buiu-se lealmente à pró-rata dos indivíduos de cada comunidade. Também se repartiram os instrumentos, utensílios e outros objectos de alguma utilidade, como as sementes e raízes de que falou o comandante. Unicamente as armas foram monopolizadas pelos terraliberianos.

Como aos Aretusianos era mais custoso o transporte por se encontrar o seu acampamento mais longe da praia, os Terraliberianos ajudaram-nos a construir padiolas que facilitaram a tarefa. O transbordo do barco à costa e para os Aretusianos, da costa para o seu campo, exigiu algumas semanas.

O val-vem de um campo para o outro, as relações continuas entre soldados, marinheiros e deportados, produziram naturalmente discussões e troca de impressões e ideias. Os oficiais, não querendo comprometer a sua dignidade, não tinham voltado a pôr os pés no campo dos deportados, desde a sua única visita acompanhando o comandante para o pedido de licença para a visita de *La Aretusa*.

Os grupos de serviço eram comandados por sub-tenentes, que em muitas ocasiões tinham que usar da tolerância, dando extraordinária elasticidade ao rigor da ordenança. Muitas vezes se suspendia o trabalho para se discutir com maior comodidade.

Depois de efectuada a última viagem dos Aretusianos, levando o resto do que lhes tocara, a população terraliberiana via-se aumentada com uma dezena de transfugas de *Aretusa*.

VIII

Enquanto que uma parte dos deportados trabalhava no desembarque, dedicavam-se outros a construir instalações mais sólidas para abrigarem os provisões e os utensílios, que era o mais urgente, pois que da sua boa conservação dependia o porvir da colónia. No centro do terreno onde se construíram as choças provisórias, que deviam ser substituídas por verdadeiras casas, foi resolvido edificar os armazéns. E enquanto uns cortavam árvores, partiam troncos e renovavam táboas, outros cavavam os alicerces, removiam terras e rasgavam subterâneos.

Decorreram quinze dias antes que terminasse a construção dessas instalações, pois não possuíam nenhum meio de transportes; as árvores foram arrastadas com cordas desde o sítio onde as tinham cortado até àquela em que iam ser empregadas. Além disso, não possuindo mais que machados e serras de mão em pequeno número, para obter uma só táboa era necessário cortar troncos inteiros. Apesar de empregarem muito as árvores pequenas, sempre se tropeçava com a escassez de ferramentas. Afortunadamente, a madeira abundava e, naquele momento, mais importância se dava à solidez que à elegância. A oficina de carpintaria de bordo subministrava muita ferramenta, que facilitou em muito a tarefa.

Por fim, viu-se a obra terminada e em pouco mais de duas semanas depois da divisão do despojo do barco entre os dois grupos, os víveres e as merca-

dorias desembarcadas de *La Aretusa* encontravam-se armazenadas na Terra Livre e ao abrigo do mau tempo, podendo os colonos passar a outra ordem de trabalhos. Bom era ter víveres; mas, como havia dito o comandante, somente durariam um ano. Ignorava-se que recursos podia subministrar a ilha; alguns colonos tinham feito várias excursões ao interior, mas nenhuma exploração séria se tentara. Resolveu-se convocar uma assembleia para se deliberar sobre o que era necessário fazer.

O ponto de reunião era uma ampla praça que se traçava no centro da espécie de vila edificada, sendo cercada pelos armazéns e choças provisórias.

Toda a população, homens, mulheres e crianças, estava presente. Quando os colonos estavam reunidos, um deles subiu a um tronco e tomou a palavra: —Companheiros, já realizámos uma parte do trabalho necessário, é necessário continuar e para isso reunimos. Agora que pusemos as nossas provisões a coberto, é necessário renová-las antes que se esgotem. Como é um assunto que interessa toda a gente, que cada um dê a sua opinião, que aqueles que têm já uma ideia a exponham, para se decidir o que há a fazer.

—Que pensas tu?—perguntaram.

—O que penso em particular é bem simples. É coisa combinada que, dada a pequena quantidade de sementes e raízes de hortaliça que possuímos, e para evitar perdas e desperdícios, tudo se cultivará em comum.

De acordo—confirmaram várias vozes.

—Pois só falta decidir onde e quando devemos começar a arrotear.

—Lembra-te de expor a situação—disse um que no extremo da praça sobressaía sobre as cabeças de todos—pela minha parte insisto na minha ideia em primeiro lugar deve-se explorar a ilha, conhecê-la bem, dar-se conta do que ela contém. Quando a conhecermos, saberemos com que contar e com conhecimento de causa poderemos decidir onde convém estabelecer os nossos campos e o trabalho necessário.

—Eu—disse Berthaut—repetirei o que já se disse no decurso destas discussões: devemos permanecer próximo da costa, onde fizemos os trabalhos para a instalação provisória. O terreno não falta em redor e parece-me perfeitamente apropriado, sem mais inconveniente que o da escolha. Aproxima-se o tempo das sementeiras; não o desperdicemos. Além disso, nem todos são indispensáveis para estas tarefas, podendo nós destacar uma dezena de companheiros para explorarem a ilha.

Então dominaram as conversações particulares, prolongando-se por alguns momentos. Por fim, uma voz reclamou a atenção geral:

—Eu tenho alguns conhecimentos geológicos e creio que não posso empregar o melhor que ajudando ao reconhecimento da ilha. Se uma dezena de companheiros quiser unir-se a mim, amanhã nos poremos a caminho.

—Pois é assunto arranjado—disse Berthaut—os que quiserem acompanhar Thievand, que se entendam com ele e com os armazenistas, para tomar os

utensílios e víveres necessários. Agora que se prende com a escolha do terreno a arrotear, julgo necessário antes de qualquer discussão, que aqueles que têm conhecimentos agrícolas deem o seu parecer. Não há contendas entre nós?

—Já, Thirion! Tens a palavra—disse uma voz.

Um redemoinho se produziu na multidão e um colono subiu ao tronco que ocupava Berthaut.

—Camponeses? Sim, eu sei de uma dezena que conhece o ofício; eu quero-me com eles e não há dúvida que seremos de uma grande utilidade para a colónia.

—Magnífico!—disse um—A agricultura que carecia de braços, brota aqui cabeças.

—Já estranhava que Forgeot se metesse com uma maluquice—disse outro.

—Que julgas, pois, que se deve fazer?

—Em primeiro lugar—disse Thirion—convém fazer um inventário dos instrumentos e ferramentas que possuímos e saber como substituímos as que nos faltam. Já me informei detalhadamente e parece-me que a falta principal é a seguinte...

—Bom pensamento!—disse uma voz.

Eis aqui uma coisa em que se não tinha pensado.

—Como se fez uma lista de tudo que se encontra em armazém, pode-se fazer em seguida. Creio que Berthaut é o armazenista; que nos diga que guarda.

(Continua)

OURIVESARIA

A REALIDADE

OURO E JOIAS

Compra e vende por melhor preço

OURIVESARIA

A Realidade

44, Rua Eugénio dos Santos
(Antiga Rua de Santo Antão)

O inverno chega!!

e também tem chegado vários artigos que formam o completo sortido da

"Parisiense"

Chapeus, gravatas, bengalas, camisas, pa-rouras de malha de lã e algodão, guardas-chuvas para homem e senhora, e um enorme stock de galochas para homem, senhora e criança, recebido dos principais centros comerciais. Recomendamos uma visita a este estabelecimento não só para verificar a veracidade do que se expõe, como também pela forma escrupulosa como são feitas as transacções e a modicidade de preços.

60, Rua Nova do Almada, 62
124, Rua de São Nicolau, 128
TELEFONE-C. 715

As valentes e PERAS

Para a rapaziada

Mais de dez mil pares de botas

Botas brancas as Valentes para a rapaziada a 7500, 9250 e 95750.

Botas pretas ou de cor a 65750, 65750, 95750.

Botas pretas de vitela americana a 105500, 125500, 135500 e 155500.

Sapatos em pelica para senhora a 65750, 75500 e 85500.

Sapatos em pelica-verniz para senhora a 115500, 125500 e 145500.

Grande variedade de calçado de luxo para senhora, homem e criança

Venham ver as Valentes

Manda-se calçado para a Província contra reembolso

Fornecedor dos empregados dos Caminhos de ferro Portuguezes e do Sul e Sueste e Cooperativa dos empregados do "Diário de Notícias".

Sapataria de S. Roque

LARGO DE S. ROQUE, 16, 17

TUBO de chumbo novo

ra Agua e Gás.

Tubo de ferro fundido para algerozes de 4".

Zinco em barra para galvanização de cavilhas.

Aço francês especial para minas 1" 1/4 oitavado.

Fodas Decauville novas.

Francheta de ferro 1" X 3/16.

Meia cana 1" 1/2 X 1/2.

Folhas novas de molas.

Vergalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado.

Ferragem diversa para navios.

Paus de carga.

Um motor a gaz pobre completo Stocport 30 HP.

Serra circular com mesa de ferro.

Uma ventoinha 7" 3/4.

Duas enfardadeiras para palha.

Uma enfardadeira para cortiça.

Madeira para calças de exportação.

Vende: A. B. dos Reis.

Cais do Sodré, n.º 52—Tel: C. 4317.

"A Batalha"

(Hino revolucionário)

Música do maestro Tomás del Negro e letra do poeta operário João Bial.

Um lindo folheto com capa artística, centavos.

A venda na administração de A Batalha.

O Decreto n.º 5637 de 10 de Maio de 1919

Obrigou todos os patrões a assegurar contra ACIDENTES DE TRABALHO TODOS OS SEUS ASSALARIADOS, (operários, electricistas, trabalhadores rurais, etc.)

Pedir exemplar do Decreto bem como todas as informações sobre este assunto a

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS S. A. R. L.

CAPITAL: 500.000\$000

RESERVAS: 405.402\$76,7

Sede—RUA GARRET, 95

Agências, serviços médicos e farmaceuticos organizados em todos os pontos do País.

A MUNDIAL foi a primeira Companhia Portuguesa autorizada a explorar os seguros de Acciden-tes de Trabalho.

Seguros Sociais Obrigatórios

Contra desastres no trabalho

Pedir as cadernetas para a inscrição obrigatória do pessoal ao CONSORCIO GERAL DE SEGUROS CONTRA ACIDENTES E RESPONSABILIDADE CIVIL.

LISBOA, RUA IVENS 49—PORTO, RUA SÁ DA BANDEIRA, 222

Solas e Cabedais

COLOSSAL SORTIDO

e miudezas que diz respeito

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Trem à disposição dos Ex.ªs

—fregueses—

Telefone 949-C.

Telegramas Tremcabedais

RUA DE MOURARIA, 93-95

LISBOA N.º 680

DINHEIRO

18, Rua do Loreto, 20

JOSÉ MAYER

Nesta acreditada casa, continua-se transaccionando sobre todos os objectos, quer em roupas, ouro, joias, mobílias e outros artigos, sempre que oferecem garantia, dando-se sempre o máximo e levando o mínimo juro. Seriedade e sigilo.

Compra e vende antiguidades, casas completas e móveis desmanhados.

(685)

ISIDORO INEIRO & C.ª

ALFAIATES

50, 1.ª—Rua do Loreto
(Próximo à Praça de Camões)

Confecções para homem e senhora

Especialidade em trajes a rigor

Tecidos do mais requintado fino gosto tanto nacionais como estrangeiros

Acabamento rápido e primoroso

N.º 682

Comp. Caminhos de Ferro Port.

Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Concurso para praticantes para factor

A partir da presente data, está aberto nesta Companhia, o concurso para praticantes para factor, devendo os candidatos apresentar os seguintes documentos:

1) Requerimento, em papel comum, dirigido ao Engenheiro Chefe da Exploração, pedindo a admissão, indicando as tem parentescos, um alegado, empregado da Companhia, e, em caso afirmativo, qual o grau desse parentesco;

2) Certificado de idade;

3) Atestado de bom comportamento, passado pela autoridade local da residência habitual do candidato;

4) Carta de exame de instrução primária ou de outras habilitações literárias que porventura tenha;

5) Documentos comprovativos da sua situação militar, no caso de já ter sido reconhecido.

Observações

Os documentos a que se referem as alíneas c, d e e) devem ser passados pela entidade competente e devidamente autenticados.

Se o candidato tiver parentesco com algum empregado da Companhia (alínea a), deverá juntar ao requerimento uma declaração deste empregado, em papel comum, confirmando o parentesco alegado.

Não serão admitidos candidatos com menos de 16 ou mais de 21 anos de idade. Exceptuam-se os filhos de empregados da Companhia, cujo mínimo é de 15 anos.

Os documentos devem ser entregues ao Engenheiro Chefe da Exploração (Replicação do Pessoal) Santa Apolónia, até 10 de Dezembro, próximo futuro.

Os concurren-tes terão lugar no mês de Janeiro de 1920.

Programa do concurso

Prova escrita de ortografia, caligrafia e redacção;

As 4 operações, com números inteiros, decimais e quebrados;

Regras de três;

Sistema métrico;

Medidas de volume, peso e capacidade;

Conhecimentos gerais de geografia de Portugal;

Redes dos Caminhos de Ferro de Portugal.

Lisboa, 25 de Novembro de 1919.—O Director Geral—Ferreira de Mesquita.

AMBRINA

Para queimaduras, frieiras, acidentados de trabalho, como golpes, contusões, etc.

A venda em todas as farmacias

Agentes gerais: CALDAS, L.ª

T. REMOLARES, 30, 2.º

MADEIRAS

e materiais de construção nacionais e estrangeiros

Grande sortimento de soalhos de pinho de primeira qualidade

Ferros e fagulhas de todas as qualidades

YIGAMENITO DE PINHO EM GROSSO E SERRADO, GASQUINHA E APRUCE

Ferragens, pregos, telhas, tijolos, cal, cimento e manilhas

—JOÃO DE OLIVEIRA DUQUE—

288, RUA DO BEMFORMOSO, 290—LISBOA

DEPOSITO—Estrada de Sacavem, 261-A

Telefone N.º 1288

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Contenas de pessoas se tem curado. Trata-se de todas as doenças por meio de ervas. Pacote, 600 réis. Travessa da Oliveira, 1, rez-do-chão, direito, à Estrela.

NICOLAU GOMES CORREA

Alfaiate-Mercador

Fornecedor dos Empregados dos Caminhos de Ferro Portuguezes, do Sul e Sueste, da Câmara dos Operários da Câmara Municipal de Lisboa e da Cooperativa da Fabrica de Material de Guerra.

Variando sortimento de iniciados para homens e senhoras, padões da moda, preços

ALFAIATARIA Especialidade em fatos, sobretudo, capas e nitejanas e casacos de senhora já confeccionados, tudo pelos figurinos da moda.

255-Rua dos Fanqueiros-255

Aos Marceneiros

CHEGOU nova remessa de folha

Nogueira Mogno

Pat Santo

Sicó-mór

Olho de Perdiz

Carvalho

Madeiras serradas em todas as grossuras, por ter máquina de folha. Sempre em depósito madeiras serradas de todas as qualidades. Estância de madeiras—Largo dos Inglesinhos—Sabino da Silva.

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Rives Macedo & Borges, S.ª

67, Rua do Bomjardim, 69—PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C.ª

Rua da Alfândega, 92—LISBOA

sendo os preços por caixote de 3.600 caixinhas (25 grozas):

Fósforos de enfiar: 36000 ou 501 por caixinha; ditos Amorim, 72500 ou 502; ditos de Cera Comum, 72500 ou 502; ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de caixote), 36000 ou 504; ditos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27500 ou 503 por caixinha, com o desconto legal de 10/100, seja qual for o número de grozas pedidas.

Qualquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139—LISBOA.

Reumatismo

Seja ele de que qualidade for e antigo que seja, a sua cura é certíssima e em poucos dias sentindo-se prontos alívios logo em seguida às primeiras vezes que se uzar. Cada tubo 1550, pelo correio mais 20. Vende-se na travessa da Oliveira, 21, r/c. D. (ao Largo da Estrela)

(631)

A BATALHA em TOMAR vende-se na oficina de alfaiate e sardor de Raimundo Ribeiro, rua Leiria, onde recebe anúncios e correspondências.

Comp. Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anónima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

EXPLORAÇÃO

Concurso para a exploração dos bufe-tes das estações de Setúbal, Alentejo, Aveiro, Torre dos Vigários, Póvoa do Varzim, Elvas, Castelo Branco, Torres Vedras, Caldas da Rainha, Leiria e Almeida

Até ao dia 5 de Dezembro próximo futuro, às 15 horas, receberá esta Companhia na Direcção Geral, em Lisboa—Santa Apolónia, em carta fechada, propostas para a concessão e exploração dos bufe-tes acima indicados; durante o ano de 1920, devendo as mesmas ser endereçadas à Direcção Geral e com a designação exterior de:

Proposta para a exploração do bufete da estação de...

As condições da exploração em que são cedidos os referidos bufe-tes encontram-se patentes nas respectivas estações e em Santa Apolónia, na Divisão da Exploração.

Lisboa, 15 de Novembro de 1919.

O Director geral da Companhia—Ferreira de Mesquita

AVISO AO PUBLICO

Encontrando-se os caixas da estação de Lisboa—Cais dos Soldados—completamente cheios, de mercadorias, devido não só a grande afluência do tráfego para aquela estação mas também a necessidade com que alguns consignatários estão retirando as suas remessas, vê-se esta Companhia forçada no intuito de descongestionar a mesma estação, a suspender durante os dias 17 e 22 do corrente, ambos inclusivos, o serviço de expedição de remessas com destino a Lisboa Cais dos Soldados, quer em grande quer em pequena velocidade, tanto das estações da sua rede como das do Minho e Douro, Beira Alta e Vale do Vouga.

Lisboa, 15 de Novembro de 1919.

O Director Geral da Companhia—Ferreira de Mesquita

Biblioteca de A BATALHA

LEITURA QUE RECOMENDAMOS

Adrian del Vale—Jesus na guerra.....	\$50	Krapotkine: Os bastidores da guerra.....	\$03	Tolstoi: A próxima revolução.....	\$30
Albert—O amor livre.....	\$50	ra.....	\$03	A escravidão moderna.....	\$40
Alfredo N. Dias—A Razão (poemeto social).....	\$05	A conquista do pão.....	\$50	Pão para a boca.....	\$20
Berthelot—Evangelho da Hora.....	\$05	Palavras dum revolucionário.....	\$50	Do clero.....	\$70
Carvalho—Nem Deus nem Diabo.....	\$30	A grande revolução (2 vol.).....	\$100	Varennos—O terrorismo em França.....	\$30
Clerio—Oração da fome.....	\$18	Em volta duma vida.....	\$105	Zola: A taberna (3 v.).....	\$120
Dufour—O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.).....	\$100	A anarquia—Sua filosofia, seu ideal.....	\$20	A obra (2 v.).....	\$80
Delaisi—Os financeiros, os políticos e a guerra.....	\$05	Landauer—A Social Democracia na Alemanha.....	\$20	A terra (2 v.).....	\$80
Delessalle—A Confederação do Trabalho.....	\$03	Leone—O Sindicalismo.....	\$50	Alegria de viver (2 v.).....	\$80
E. Silva—Teatro livre e arte social.....	\$05	Libertas—O rei e o anarquista.....	\$03	Loures.....	\$105
Etievart—A minha defesa Gorki:	\$05	Lima (Adolfo): Educação e ensino.....	\$40	A SEMENTEIRA—4.º ano e até ao último número da 1.ª série, 16 números, 128 páginas de sociologia, biografia, gravuras, etc.....	\$30
Os vagabundos.....	\$40	O movimento operário em Portugal.....	\$20	Os 2 primeiros anos da 2.ª série, 1916-1917, com ôfima e variada colaboração, canções revolucionárias com música, trovas sociais, teatro, gravuras, etc., além de cerca de 400 receitas, fórmulas e conselhos, um volume de 384 páginas, solto.....	\$50
Os degenerados.....	\$40	Malestest: Em tempo de eleições.....	\$02	Os 4 anos da 2.ª série (1916 a 1919) 656 páginas.....	\$100
Scenas de família.....	\$40	Entre camponeses.....	\$10	FOTOGRAFIAS (em papel coucho), de Bakunine, Berthelot, Caffero, Darwin, Faure, Ferreira, Gori, Lorenzo, Morris, Paape, Proudhon, Reclus, Sudermann, Stepiak, cada.....	\$02
A mãe.....	\$65	A política parlamentar no movimento socialista.....	\$02	O Zê (Número comemorativo do 1.º de Maio 1919).....	\$02
Na prisão.....	\$40	Marx—O Capital.....	\$50		
Os ex-homens.....	\$30	Molnari—Problemas sociais.....	\$25		
		Nordau: A mentira religiosa.....	\$20		
		As mentiras convencionais da nossa civilização (2 vol.).....	\$50		
		Prat e Briand—Sindicalismo e greve geral.....	\$25		
		Ribeiro—O sentido de viver (versos).....	\$40		
		Roland—A Rússia Nova.....	\$10		
		Salgado—Mentiras religiosas.....	\$45		

Satisfazem-se todos os pedidos destas e de outras publicações, quando acompanhados das respectivas importâncias, e dirigidos à administração de A BATALHA.

CALÇADA DO COMBRO, 38-A. 2.º

LISBOA-PORTUGAL